



ADRIANA BRAZIL

*Dança.
comigo?*

UM CONTO DE OUTONO DE SONHOS





ADRIANA BRAZIL

*Dança.
comigo?*

UM CONTO DE OUTONO DE SONHOS

Dança comigo?

Um conto de Outono de Sonhos

Adriana Brazil

Capa: Adriana Brazil

Revisão: Sheila Mendonça

Todo conteúdo é de exclusiva
propriedade do autor.

Proibida a reprodução ou qualquer
tipo de impressão sem autorização.

Todos os direitos reservados.

Copyright © 2014 by Adriana
Brazil

Dedicatória

Para todos os leitores que amam a
série

“Foi assim que te amei”.

Inspirado na fanfic de Amarylis
Nicolau

O inverno ainda era denso e frio.
Eu via a chuva caindo pela minha
janela e fui levada aos dias
de outono, os dias que me

apaixonei e jurei para mim que nunca mais seria a mesma. Em cada instante

um pensamento surgia trazendo seu nome e seu sorriso que me aquecia e transformava a paisagem ao

meu redor. Andrew era a expressão exata de tudo que sonhei para minha vida.

Fui até minha escrivaninha e peguei meu *scrapbook*, abri na primeira folha em branco. De

dentro do envelope tirei a nossa

última foto revelada. Nós dois na Lagoa da Conceição, naquele

inesquecível pôr do sol. Em cima da cama estava tudo espalhado, papelões de colagens, figuras de

revistas, cola, tesoura e papéis decorativos.

Lembranças de quando era pequena encheram meus pensamentos. Minha mãe sempre me

ensinou a fotografar os momentos inesquecíveis da minha vida. Uma maneira de me alegrar em dias

tristes. Nem sempre funcionava, mas era agradável ter uma foto que me levasse de volta a um

momento que gostaria de viver outra vez.

Peguei a foto e acariciei o rosto dele, na ilusão de que ele pudesse sentir o quanto era

importante para mim. Passei cola no verso e coleí no *scrapbook*.

Procurei as figuras de corações e

ursinhos que faziam lembrar o amor. Eram tantos que a escolha

ficou difícil. Entre algumas imagens
fofas encontrei uma folha de
outono, foi a primeira que coleí.
Seguida de ursinhos, corações,
lacinhos

e a legenda daquele momento:
“Meu outono de sonhos”. Eu queria
que ele estivesse comigo e que seu

olhar que me desmoronava me
fizesse sonhar de novo. Sim,
Andrew tinha o olhar mais incrível
e

misterioso do universo, talvez o

próprio universo se escondesse
naquele castanho-claro, a cor do
outono.

Olhei para o relógio na parede e me
lembrei do compromisso de
encontrá-lo. Saltei da cama e

liguei o som. Enquanto uma das
nossas músicas tocava fui para o
meu guarda-roupa escolher o que

vestiria. Quanta indecisão para
escolher o que usar. Depois do
tempo de duas músicas optei por
um

casquinha de malha azul-claro e uma jaqueta *jeans*. Separei também a calça *jeans* e um sapatinho

escuro. Passei batom e lápis nos olhos. Era hora de estar com ele. O momento mais esperado do dia.

Cheguei a Jurerê Internacional às 18h15. Estacionei na frente de sua casa e desci. Minha

respiração estava agitada pela ansiedade de estar em seus braços.

Toquei a campainha e alguns instantes depois Mel apareceu com

seu sorriso carinhoso de
sempre.

— Oi, filha, tudo bem? — Ela me abraçou apertado.

— Oi, Mel! Tudo bem! Nossa, que frio!

— Venha, entre!

Mel pegou minha bolsa e colocou sobre o sofá. Alegrementemente olhei ao redor procurando por

Andrew, Mel disse que ele me esperava na sala do primeiro andar.

Mesmo de longe eu pude ouvir o
que ele ouvia , *Amanhã não se
sabe*, interpretada por LS Jack.
Entrei na sala e avistei meu
pedacinho

do céu. Inspirei profundamente, na
tentativa de me encher ainda mais
daquela magia que pairava sobre
nós. Ele estava de costas, olhando
pela janela. Eu me aproximei
lentamente. Pensei em tapar seus
olhos, mas resolvi abraçá-lo
apertado e cheirar seu pescoço.

Minhas mãos deslizaram sobre seus ombros e o puxei para mim. Ele sorriu e me apertou ainda mais. Entrei na frente da cadeira de rodas e

me deparei com a imensidão de significados que havia em seus olhos.

— A melhor parte do dia . — Ele disse com seu sorriso que me paralisava, assim como seu olhar.

— Que saudade! — Meu rosto

ficou perto do dele, podia sentir seu hálito fresco e meu coração

se agitando dentro do peito.

Andrew me arrepiou ao passar a mão em meu pescoço. Fechei os olhos e nos beijamos. Por

pouco não perdi o equilíbrio das minhas mãos que estavam apoiadas na cadeira de rodas sustentando

meu peso.

— Oi, Andy. — beijei seus lábios de novo. — Adoro essa música.

— Seria perfeita para dançarmos
— disse de forma triste.

— E por que não dançamos?! —
Ele desviou o rosto.

— Não posso, amor...

— Não fique assim. Vamos tentar?!

— Não posso.

Ele pareceu querer encerrar o assunto. Relaxei os ombros um tanto frustrada.

— O que faremos hoje?! — tentei animá-lo.

— Richard queria ir ao cinema, está lá em cima. Gostaria de ir?

— Claro! Vou a qualquer lugar com você! — Ele sorriu.

Nós nos sentamos no sofá e perguntei por Prince. Andrew assoviou e ele apareceu abanando o rabinho. Como sempre estava cheiroso. Poucos segundos depois, Alan entrou na sala falando ao telefone, ele parecia estar se justificando para alguém. Troquei olhares com Andrew.

— Vai sobrar pra gente. — Andrew comentou.

— O quê?!

— Já vai saber.

Alan encerrou a chamada e sorriu mecanicamente quando nos viu, parecia que tinha

encontrado dois cúmplices para livrá-lo das acusações de alguém, pelo menos foi o que entendi

perfeitamente.

— Que bom que vocês estão aqui!

— Ele comemorou.

— Eu falei. — Andrew sorriu.

— E aí, chatinha?! Tudo bem? —
Ele veio até mim e beijou meu
rosto.

— Tudo e você? Por que está tão
chateado?

— A chateação até passou! Posso
me sentar aqui?!

Ele foi empurrando Andrew e eu
para os cantos para que ele pudesse
sentar no meio. Jogou os

braços em nossos ombros e parecia um garoto arteiro em todas as suas expressões.

— Amo vocês! — Ele nos apertou no abraço.

— Você podia sair do nosso meio, seu chato?! — impliquei.

— Vou sair! Mas, antes, preciso da ajuda dos meus melhores amigos!

— Sabia que não ia sair barato — retruquei.

— Sabe o que é, meu pai às vezes não me compreende! Como sabem

eu trabalho para ele aqui

em Floripa, a firma presta serviços em outros estados, temos os representantes e blá-blá-blá. Só que

dessa vez eu não consegui escapar, ele me mandou ir para Minas Gerais!

— Hum, e o que tem? — perguntei.

— Pelo que sei você viaja às vezes para outros estados.

— Eu sei, só que dessa vez ele me mandou para o interior de Minas. Sozinho! — enfatizou o

“sozinho” drasticamente.

— Não é tão ruim assim, é?! —
questionei. — Que tal convidar uma
pessoa especial de

companhia? — ironizei, falava de
Sarah e para quem sabe ler...

— Por que eu consigo sentir ironia
nessa pergunta?! — espremi os
olhos para ele.

— É uma boa ideia, Alan! —
concordou Andrew. — Pois como
bem te conheço vai sobrar para

Richard e eu, possivelmente Helen

também. Vai logo, acaba de pedir!

— Por isso que eu te amo! — Ele puxou o rosto de Andrew e beijou com força. Andrew

empurrou a cabeça dele enquanto eu ria.

— Você quer a nossa companhia?!
— perguntei, surpresa.

— Nada mais justo que meus melhores amigos não me deixarem sozinho e me acompanharem para Poços de Caldas!

— Poços de Caldas em Minas Gerais?! — retruquei.

— Claro! Garota esperta, conhece Geografia. — Ele apertou meu nariz. — Preciso fechar uns

negócios e não quero ficar entediado de ficar sozinho! Vocês vão comigo, certo?!

— Você não vai desistir se eu disser não, vai? — Andrew sondou.

Ele sorriu mostrando seu jeito travesso.

— Não vou de avião, Alan.

— Sem problemas, *brother*! — Ele comemorou e abraçou Andrew. — Vamos de carro sem

problemas! Cara, eu te amo!

— Mas de carro deve ser mais de 10 horas de viagem!

— Na verdade são quase 13 horas.

— Ele fez careta.

— Treze horas de viagem?! — Eu me assustei.

— Por favor, vocês irão comigo, certo?! Mano, por favor! Sei que não quer andar de avião,

vamos de carro sem problemas,
prometo me comportar! — Ele
implorava e Andrew continuava

olhando desconfiado para ele. —
Por favor?! Eu não implico com a
Helen! E pensa bem, vai ser treze
horas ao lado dessa chata! — bati
no braço dele.

— Para de implorar! Ok, eu vou!
Agora sai daqui! — Andrew
empurrou Alan e ele logo pegou
o celular.

— Eu te amo! — Ele tentou beijar

Andrew de novo. — Vou ligar para o meu pai! Valeu, gato!

Vai também né, chatinha?!

— Acho que fui intimada.

Andrew aproximou-se de mim novamente e fez carinho na minha cabeça.

— Vai ser bom ir com você. Acha que Sarah iria conosco?

— Com certeza iria, Andy, mas ela está de férias na casa dos pais em Criciúma.

— Ah, que pena. Mas, você vai?

— Vai ser uma divertida aventura.

Mel apareceu na sala conduzindo Rebecca. Passou por Alan que ainda falava animado no

celular com o pai, ele bagunçou o cabelo dela e se esquivou dos tapas de Rebecca.

— Oi, gente! Como vocês estão?!

— Ela nos cumprimentou com beijos.

— Vamos viajar, Bec!

— SÉrio?! Onde?!

— Alan tem um convite para todos nós.

— Oba! Adoro viajar! E você, Andrew, como está? Vai conosco, né?!

— Espero que sim, Bec. Estou bem e é bom me sentir assim.

— É maravilhoso te ver bem! E cadê meu amor?!

— Estava tomando banho e se arrumando.

Ela mordeu o lábio e sorriu.
Rebecca nos deixou sozinhos e foi
apressada atrás de Richard.

Reclinei a cabeça no peito de
Andrew e ele aumentou o volume
do som, era outra das nossas

músicas *Te quero tanto*, de
Maurício Manieri. Em seus braços
ele cantou para mim as verdades do
seu

coração.

“Nunca imaginei, te amar assim

Nem mesmo me passou, ficar com

você

*Mas algo mudou, eu nem sei o que
me dominou*

Faz querer você

*Será que me encantei, com a tua
timidez?*

*Com o gosto que provei, ou a
surpresa que você me fez?*

Quando reparei, eu já era todo teu

*O que eu nem sonhei, meu amor
aconteceu.*

Te quero tanto...

Não vá temer, que um dia eu não te ame mais

É só olhar meus olhos, meus olhos vão te dizer.”

Eu só queria que toda ternura da voz de Andrew tivesse o poder de parar o tempo. A vida

fazia tanto sentido ao lado dele.

Suas palavras deslizavam para o meu íntimo como se fosse o nosso

destino.

Richard entrou na sala com Rebecca. Estava com os cabelos molhados e com o sorriso

perfeitamente alinhado. Eu tinha os amigos mais bonitos do mundo.

— Oi, Helen, tudo bem? — Ele beijou meu rosto.

— Oi, amigo! Sempre estou bem ao lado de Andrew.

— O que faremos hoje? Vamos ao cinema? — Rebecca perguntou.

— O que quer fazer, *brother*?! — Ele sentou ao lado de Andrew e o

abraçou.

— Pode ser o cinema. — Andrew disse sem muita animação.

— Que tal ficarem em casa de novo?! — Alan entrou e se jogou no sofá na nossa frente.

— Já disse, Alan, você precisa de uma namorada! — Ele me jogou uma almofada.

— Não gosto de ataque de ciúmes.
— fiz careta para ele. — Então, galera! Tudo combinado!

Semana que vem vamos para Poços

de Caldas!

— Adorei a novidade, Alan! —
Rebecca comemorou. — Mas tem
um problema!

— Qual?! — Ele ficou curioso.

— Somos dois casais.

Nós rimos e ele jogou uma
almofada nela.

— O que não falta é garota que
queira ir comigo, dona Rebecca!

— Podia fazer o convite para minha
amiga. — Ele me remedou.

— Ela não vai com a minha cara — disse, enfim.

— Impressão sua.

Ele pensou por alguns instantes e coçou a cabeça.

— Acha que ela aceitaria?

— Como falei com Andrew, acredito que ela aceitaria sim, mas ela está em Criciúma com os pais.

— Vai dormir, Helen! — fez careta e tirou o celular do bolso para

mexer.

— E então, vamos ficar em casa?

— Richard perguntou.

— Fazer o quê? Vamos somar cinco de novo — resmunguei e Alan sorriu, arteiro.

— Que tal se brincássemos o jogo da verdade?! — Ele sugeriu.

— Não gosto dessa brincadeira. — Rebecca resmungou.

— Também não sei se é uma boa ideia — concordei.

— Por que estão com medo?! —
Ele revidou.

— Você é engraçado né, Alan?!
Acho que falta mesmo uma sexta
pessoa nesse meio! Aí eu ia

querer ver você nos chamar para
brincar! — protestou, Rebecca.

— Prometo responder somente a
verdade, advogados. — Ela sorriu.

— Ok, não tenho nada a esconder
mesmo! Traz uma garrafa!

Andrew prendeu um sorriso no
canto e Richard fez o mesmo. Senti

uma pequena ansiedade

em meu peito. Nós nos ajeitamos sobre o grande tapete da sala enquanto Alan foi atrás de uma garrafa.

Prince deitou entre Rebecca e eu. Fizemos um círculo. Eu já planejava perguntas que faria a Andrew.

Descartei as primeiras, não teria coragem de perguntar.

Alan rodou a garrafa e nós rimos por ele ser o primeiro a responder

a pergunta de Richard.

— Os ventos sopram ao meu favor.
Vamos lá, irmão. O que você sente
por Sarah?!

— Logo de cara?! — Ele se jogou
para trás e arrepiou o cabelo em
seguida. — Tudo que

falarmos ficará aqui, ok?!

— Não prometo nada! — Rebecca
lembrou.

— Nem eu. — Eu ri.

— Responde logo! — Richard

exigiu.

— É... então... Estou me interessando por ela. De alguma forma gosto quando estamos perto.

— Ah, que fofo! — exclamei.

— Te enforco se contar para ela.

— Eu sempre soube, seu bobo!

— Respondido?!

— Mais ou menos, mas vamos nessa. — Richard rodou novamente a garrafa.

— Roda isso direito, amor! —
Rebecca reclamou. — Tenho muitas
perguntas para te fazer.

— Ela sorriu. — Mas gostei.
Vamos lá, Helen. Então nos diga, o
que você gostaria de fazer com
Andrew agora?!

Eles riram e assoviaram, fiquei
com as bochechas coradas. Ainda
mais quando Andrew disse
que a pergunta deveria ser feita a
ele. Andrew me instigava com
aquele olhar encantador. Pensei em

tantas coisas que não teria coragem de dizer, era melhor ser sincera com uma das opções.

— Hum... um beijo seguido de uma dança, seria de bom tamanho.

Andrew piscou o olho.

— Vem cá, me dá um beijo? —
Novamente corei e coloquei as duas mãos no rosto.

— Roda logo isso, Bec! — exigei.

Rebecca girou a garrafa. Olhei para Andrew, ele piscou o olho.

— Ah não! Olha o que vai perguntar, Alan! — Ela reclamou.

— Vou perguntar algo simples. — Rebecca colocou as mãos na cintura, esperando Alan

perguntar. — Por que você irrita tanto meu irmão com esses seus ciúmes bobos?!

Rebecca levantou-se e deu vários tapas no braço dele, enquanto ele se esquivava e ria. Nós

rimos.

— Richard sabe que tenho ciúmes

dele. Pronto. E essas garotas da turma dele são umas

oferecidas! Prepare-se Helen, quando Andrew voltar para UFSC você vai ver!

— Nem quero ver, Bec!

— Roda isso, Alan! Seu palhaço!

A garrafa girou e eu perguntaria para Andrew. Minha respiração ficou presa e ri comigo

mesma. Novamente minha bochecha corou só por ver o interesse dele com o jeito que me olhava.

— Andy... se você pudesse realizar três desejos, quais seriam?

— Gostei da pergunta.

— Espertinha! Fez três de uma só vez! — Rebecca sorriu.

— Quero muito voltar a ser o que sempre fui. — Ele ficou com o semblante triste, imaginei

que seria uma das respostas. — Segundo, eu quero me casar com você. — abri a boca surpresa e me

derreti. — E o terceiro, acho que é melhor censurar.

— Esse é meu irmão! — Alan deu uma gravata nele.

Todos riram e meu rosto deve ter ficado mais vermelho que um pimentão. Rebecca brincou, dizendo que eu pedi para ouvir aquilo. Jamais iria imaginar que ele diria algo semelhante. Aquela brincadeira estava ficando quente demais.

Andrew girou a garrafa e me pareceu que foi armação, mas incrivelmente ele me faria a

próxima pergunta, eu gelei e esfreguei as mãos.

— Princesa... prometo que vou pegar leve.

— Ah, não vale! — Rebecca reclamou.

— Ok. Eu queria saber se você seria capaz de cometer a loucura de algum dia se casar comigo?

Fiquei petrificada e de boca aberta. Meu coração saltava insanamente dentro do peito, como

se tivesse sido atingido por um raio. Eu queria responder que sim, mas não sabia até que ponto a brincadeira era verdade.

— Isso é sério, Andy? — consegui sussurrar.

— Por que não seria?! — Ele sorriu.

— Você sabe que esse é o meu maior sonho. — engatinhei até onde ele estava e acariciei seu

rosto. Ele encostou a testa na minha e nos beijamos.

— Acho que a brincadeira acabou
— disse Alan fazendo Richard e Rebecca rirem.

Andrew ainda me olhava com seu jeitinho apaixonante de ser.

— É sério? — Ele sussurrou.

— Eu que te pergunto se existe verdade nessa sua pergunta. — Eu ri, nervosa.

— Sabe que sim, linda.

— Andy... — Meus olhos ficaram úmidos.

Ele puxou minha nuca e novamente nos beijamos.

— No dia que você perguntar isso oficialmente, você jura que não vai me achar maluca se eu

desmaiar?

— E se o agora fosse verdade?

— Eu seria a mulher mais feliz do mundo.

Saímos de Florianópolis na sexta às 18h. Meus pais fizeram muitas

recomendações, estava

feliz por aquela viagem. Perto das três da madrugada paramos na estrada, Richard disse que a neblina

estava dificultando a visão e era melhor esperar o dia amanhecer. Encontramos um simples e pequeno

hotel. Rebecca reclamou do lugar, porém aceitou o desafio da aventura.

Richard pediu um quarto. O recepcionista nos disse que só

tínhamos duas opções, um quarto com duas camas de solteiro ou um com uma cama de casal.

— Fico com Richard e Helen com Andrew. — engoli seco.

— Isso não é uma boa ideia — disse e Andrew logo sorriu.

— E eu durmo sozinho?! — Alan reclamou.

— Ninguém mandou nos ficar contando histórias de terror! — Rebecca bateu no braço dele.

— Ficaremos todos no quarto com duas camas de solteiro. — Richard finalizou.

— Aqui não é perigoso — enfatizou o recepcionista.

— Preferimos ficar juntos, pagamos pelos dois quartos.

— Ok, vocês que sabem. Vou arrumar um colchão. — Ele nos entregou as chaves.

Entramos no quarto e Rebecca se jogou em cima da cama.

— Bec dorme com Helen. Andrew

dorme na outra e eu durmo no chão com Alan. — Richard

disse decididamente.

— Minha opção era melhor, amor.

— Rebecca provocou.

— Também acho, mas Helen não aceitaria... — Ele me olhou e novamente corei.

— Por que eu vou dormir no chão?!

— Alan reclamou. — Andrew que tem sono pesado,

assim como você, deveria dormir no chão!

— Não me importo, Alan, pode dormir na cama. — Andrew disse e Alan se jogou na cama, satisfeito.

— Se eu acordar pintado, Alan, eu juro que amanhã eu te dou uma surra — falou Richard

dando uma gravata nele, nós rimos.

— Alan pintava vocês de quê?! — perguntei curiosa.

— Essa moça arrumava batom para nos pintar de madrugada! — Novamente nós demos

risadas.

Alan foi ao banheiro trocar de roupas e todos fizemos o mesmo. Estava frio e nos enrolamos na

coberta. Alan cismou de continuar nos assustando contando suas histórias de terror, apavorando a mim

e a Rebecca. Contava o filme de um caminhoneiro que perseguia um grupo de jovens que dormia em

um hotel como aquele. Eu queria correr para os braços de Andrew,

mas não deitaria no chão com ele,
isso seria um convite para a
perdição. Mas de alguma forma
percebi que eles dois deixaram
Alan nos

assustar com a intenção da nossa
fuga para perto deles.

Fomos dormir às quatro e meia da
madrugada. Rebecca bateu em Alan
para que ele parasse de

contar histórias de terror e assim
conseguimos dormir.

Chegamos perto das duas da tarde

em Poços de Caldas. A viagem foi longa, porém

superdivertida ao lado dos meus amigos e claro, com Andrew ao meu lado tornando uma viagem para

o céu. Era sábado, fizemos o *check-in* no Palace Hotel, um lugar completamente sofisticado.

Rebecca

e eu ficamos em um quarto e os rapazes no outro.

Depois do almoço, Richard, Rebecca, Andrew e eu resolvemos

sair para conhecer a cidade.

Alan tinha o compromisso de fechar um negócio da empresa para o seu pai.

Era um município aconchegante e naquele dia a temperatura estava fresca. Fomos ao Recanto

Japonês, um lugar calmo e bonito, um dos pontos turísticos de Poços de Caldas. A natureza desenhava

cada cantinho. Resolvi sentar com Andrew em um dos banquinhos e admirar a beleza que nos rodeava.

Ele completava o cenário com boné e óculos de sol, estava lindo.

Visitamos também a Fonte dos Amores. Foi criada em 1929, atraía os visitantes pelo seu ar

romântico. Uma queda d'água passava pelos degraus de pedra. O destaque ficava para uma estátua de

mármore de dois jovens abraçados, esculpida por um italiano chamado Giulio Starace. A lenda dizia

que os dois jovens eram perseguidos pelo pai dela, um

fazendeiro da região. Foi quando eles

decidiram fugir e se refugiarem naquele bosque, perto da fonte. Depois de muito tempo eles foram

achados. Morreram de fome e frio, nus e abraçados. O pai com remorso levantou a estátua em

homenagem à filha que morreu de amor. Ao lado uma placa de bronze tinha escrito um poema.

Andrew leu e em seguida me olhou por algum tempo em silêncio.

— O que eu mais quero para minha vida hoje é estar ao seu lado. É ver seu rosto todos os

dias, quando eu abrir os olhos e quando eu fechá-los.

Meus olhos queimaram para chorar, eu ri e beijei seus lábios.

— Eu também te quero muito, Andy. E que seja você a última pessoa que eu veja quando eu partir deste mundo.

— Não fale assim. Não morreremos de amor como eles,

pois o amor é vida.

— Verdade, lindo. Já basta um Romeu e uma Julieta.

— Posso ser seu Romeu.

— Com um final diferente eu deixo.

— Que seja, minha Julieta.

Na saída do local, Richard mencionou que havia uma famosa casa de chá por lá. Estava no

guia turístico em suas mãos.

Pegamos o carro e decidimos conhecer. Rebecca e eu ficamos

encantadas

com o local, principalmente com os croissants deliciosos que serviam com geleia. O chá era tomado

em xícaras, que ao invés dos saquinhos, vinham com as próprias folhas das ervas.

Voltamos do passeio perto do fim de tarde. Passamos pela praça central e vimos uma pequena

movimentação. Imaginamos que haveria alguma apresentação por ali.

Chegamos ao hotel e fomos para os nossos quartos. Tomei banho e enrolada no roupão

perguntei à Rebecca o que usar.

— Não faço ideia o que vamos fazer agora, amiga. — Ela estava só de calcinha e sutiã

comendo chocolate em cima da cama. Parecia não sentir frio.

— Não sei que roupa coloco! Vou ligar para Andrew.

Parei de falar quando ouvi uma música vindo pela janela, estava

longe, mas me chamou
atenção.

— Tá ouvindo, Bec?

Ela parou de comer e levantou os
olhos. Fui até a janela do hotel e vi
a movimentação na

praça. Pareciam músicos afinando
os instrumentos.

— Gosta de músicas antigas,
Helen?!

— Não. Mas gostaria de ouvir
músicas típicas, é o que parece.

— Também não curto, mas com meu amor faço qualquer coisa. — Nós rimos.

— É por aí.

Fechei a cortina e o telefone do quarto tocou. Corri para atender na frente dela, Rebecca fez

careta. Era Andrew. Ela foi para o banheiro.

— Oi, Andy!

— Linda, Alan ligou dizendo que está chegando. Conversei com Richard e pensamos em levá-

las para ver a apresentação da pequena banda daqui. Gostaria de ir?

— Embora não seja as músicas que curto ouvir, adoraria ir com você.

— Na recepção nos informaram que são músicas típicas.

— Gosto de fazer tudo ao seu lado.

— Ele riu.

— Ok. Passamos aí daqui a meia hora, depois vamos jantar. Rebecca está aí?

— Foi tomar banho.

— Depois Richard liga então. Até mais, princesa.

O desafio agora era outro, escolher entre as poucas opções que levei a roupa que serviria para

nossa ida à praça e ao restaurante. Escolhi uma camisa branca com detalhes de fitinhas azuis e um

laço de fita branco que trançava na frente. Vesti a calça *jeans*, coloquei um casaquinho de malha azul-

claro por cima e calcei um sapatinho cáqui.

Rebecca demorou bem mais do que eu para escolher na sua enorme mala o que vestiria.

Apenas um dia em Poços de Caldas e ela levou seu guarda-roupa todo, era o que bem parecia.

— Nunca se sabe o que vai precisar, né, amiga?! — Ela sorriu.

— Isso porque vamos embora amanhã cedo, imagina se fosse sábado que vem.

— Pois é, eu nem teria mala para isso. — soltamos uma gargalhada

juntas.

Vinte minutos depois a campainha do quarto tocou. Fiquei sem fôlego quando vi Andrew

parado em frente à porta. Usava um blusão escuro, azul-marinho, com duas dobras nos braços, calça

jeans e um sapatênis. Usava touca escura e um sorriso paralisante. Ele podia quebrar minhas pernas

com aquele sorriso torto.

— Está linda, como sempre. — Ele segurou minha mão e beijou-a, me

arrepiei.

— Está lindo também, Andy.

Abaixei para beijá-lo e ao sentir seu cheiro misterioso eu senti que meus pés não estavam

mais firmados no chão. Nossos rostos se tocaram e não pude resistir, suspirei fundo em seu pescoço,

eu o vi rindo. O que eu mais queria naquela hora era ser abraçada por ele. Talvez por uma recompensa de ter lido meu pensamento ele me

olhou. Ali minhas resistências me deixavam e meu corpo era

preenchido por algo inexplicável. Um sentimento aquecia meu coração e corria pelo meu corpo

deixando minhas pernas fracas. Seu olhar e seu sorriso transformavam todos os momentos em

lembranças eternas.

Esperamos por Rebecca e Richard no saguão do hotel. Impliquei com Alan por ele estar

sozinho, não deixei que ele

bagunçasse meus cabelos.

A noite estava linda. Percebi que Andrew estava incomodado de estar entre tantas pessoas, era

visível o esforço que ele fazia para estar conosco. Eu o via olhando para as pessoas que passavam por

nós, procurando talvez alguma crítica por sua condição. Richard sempre questionava se ele queria ir,

onde queria estar. O bem-estar dele também dependia da nossa compreensão e sempre faríamos o

possível para que ele se sentisse feliz ao nosso lado.

O coreto estava na praça em frente ao hotel. Caminhei empurrando a cadeira de rodas, apesar

de ela ser elétrica, era uma forma de demonstrar o quanto eu não me importava com a opinião dos

outros. Eu realmente não me importava.

A praça estava alegre e festiva. Alguns artistas de rua mostravam suas artes através do spray

em cartolinas e danças de rua. E o sucesso da movimentação estava bem no meio da praça, o coreto.

Eles tocavam músicas antigas e pareciam agradar as pessoas que assistiam, principalmente as

senhorinhas que já ocupavam as poucas cadeiras ao redor. Vários casais dançavam juntinhos. Ali não

importava a roupa e beleza, eles aproveitavam a companhia de alguém especial. Percebi que as

pessoas mais idosas usavam suas

melhores roupas, na esperança, quem sabe, de encantar alguém.

Ouvimos dizer que era tradição do local. Alguns homens sozinhos tentavam puxar uma mulher para

dançar. Como antigamente, eram extremamente cavalheiros e educados. Estendiam a mão e se curvavam diante da dama.

Uma senhorinha sorria para Alan, nós rimos, Richard cutucou Alan, ele fingiu que não era

com ele. A senhora devia aparentar

uns setenta anos, usava uma flor enorme de broche perto do busto, batom rosa e um vestidinho rodado embaixo dos joelhos. Ela sorriu e piscou o olho para Alan.

— Na boa, galera! Essas músicas são chatas e eu estou com fome! — Ele reclamou.

— Sabia que é uma tremenda falta de educação deixar uma dama sentada e sozinha. —

Richard jogou o braço nos ombros dele e prendeu o riso.

— Vai te catar, Richard! — Ele tirou o braço de Richard do seu ombro.

— Vai lá chamar a senhora, não vai ser mal-educado!

Ele cruzou os braços e ficou de cara amarrada, Rebecca secava as lágrimas causadas pelo riso.

Foi quando Richard se curvou diante dela e a convidou para dançar.

A senhorinha sorriu e acenou dando um tchauzinho para Alan.

— Vai chamá-la para dançar, seu mal-educado! — cutuquei-o.

— Não enche, Helen!

Richard percebeu a cena e foi com Rebecca até a senhora.

Cumprimentou-a e fez sinal

chamando Alan. Ele reclamou, Rebecca e eu prendemos o riso.

— Que ideia de vocês virem aqui!

— Seja educado, irmão — disse Andrew.

Richard apresentou a senhora que

ainda permaneceu sentada. Mesmo de longe observei Alan

fuzilando Richard com os olhos. Richard bateu nos ombros do amigo e pelo jeito fez Alan convidar a

dama para dançar. A senhora segurou a mão dele animada e não esperou Alan puxá-la, ela o puxou

para onde os casais dançavam. Eu ri novamente.

Estava ao lado de Andrew e torcia no meu íntimo para que ele me convidasse para dançar. Eu

sabia que nós não iríamos para onde estavam os casais, mas eu daria tudo para que meu príncipe me

concedesse uma dança de honra. Todavia, frustrando minhas expectativas, alguns minutos se passaram

e preferi não constrangê-lo, dizendo que eu queria dançar.

De repente um senhor apareceu em nossa frente. Estava muito bem-arrumado, de calça social,

blusão social e sapatos engraxados, tinha os cabelos totalmente brancos e um sorriso carinhoso.

— Boa noite, me chamo Venâncio e sou morador daqui há 75 anos.

Nosso coreto é uma

tradição na cidade e estamos felizes por vocês estarem aqui. Se o cavalheiro não se incomodar,

gostaria de conceder uma dança a sua esposa.

Fiquei nervosa e rapidamente olhei para Andrew. Queria dizer que não,

queria que ele

disse que não, mas educadamente Andrew sorriu e cumprimentou o senhor.

— Ela ainda não é minha esposa. Se ela aceitar o convite, fique à vontade. Só, por favor, me devolva rápido. — Eles riram e fiquei sem ação olhando para os dois.

— Senhorita, gostaria de me conceder a honra de sua companhia para uma dança? — Ele se

curvou como um cavalheiro e fiquei constrangida de não aceitar a dança.

— É, acho que sim. — Andrew cerrou os lábios e piscou o olho.

Não sabia se ele estava ou não satisfeito por eu me divertir. A música era um pouco agitada,

os casais dançavam com certa distância entre si fazendo passos combinados, estavam muito animados.

O senhor me mostrou como se fazia

alguns passos, por eu sempre
dançar mal, não foi nada

fácil acompanhá-lo. Esbarrei em
Rebecca e Richard. Nós rimos ao
ver que a senhora insistia em

abraçar Alan para uma dança mais
lenta, totalmente fora do ritmo que
tocava.

Procurei Andrew e ele acenou com
um sorriso incentivador. A música
acabou e agradeci ao

senhor pela dança. Fui para perto
de Andrew.

— Ah, Andy, fiquei tão
constrangida com o convite!
Desculpe te deixar sozinho! —
beije seu
rosto.

— Tudo bem, linda. O importante é
que se divertiu. Até Alan agora está
se divertindo. —

Alan já dançava com outra senhora,
percebemos que em volta havia
mais três senhorinhas esperando
para dançar com ele. Alan nos
olhou e ergueu os ombros, como se

nos dissesse que não teria jeito de fugir.

A música mudou e uma romântica me fez suspirar. Richard dançava agarradinho com

Rebecca, era o que eu mais queria fazer com Andrew.

Então senti um aperto na minha mão. Olhei para o lado e Andrew me olhava de uma forma

linda. Ele mexeu no controle da cadeira e parou na minha frente.

— Você gostaria, de... dançar comigo?

Eu soltei um sorriso nervoso e mordi o lábio, meu coração se agitou freneticamente com o convite. Senti muita alegria.

— Claro que sim! — disse festivamente.

Não sei de onde ele tirou tamanha coragem, mas eu esperei por aquilo impacientemente. Com

dificuldades ele se levantou da cadeira. Tentei ajudá-lo, mas ele

fez sinal que não precisaria. Ele

segurou minha mão e a outra passou por minha cintura. Ao senti-lo perto, bem pertinho, minhas

pernas perderam o vigor. Senti um delicioso prazer apertar meu peito e passear por todo meu corpo.

Com passinhos bem pequenos, mal saímos do lugar, mas eu me sentia andando sobre as

nuvens. Seu cheiro me conduzia, arrebatava meus sentidos. Procurei seus olhos e ele piscou para mim.

Revelei meu melhor sorriso e nos abraçamos. Era onde eu queria estar, ouvindo seu coração, sentindo

seu corpo coladinho ao meu. Devia ser para sempre assim.

— Está gostando? — Ele perguntou num sussurro, me arrepiando.

— Estou amando, Andy. — Eu o apertei ainda mais em meus braços. Meus olhos ficaram com

lágrimas.

Afastei e percebi que ele mostrava

uma expressão cansada.

— Quer sentar, lindo?! — Eu o conduzi para a cadeira atrás dele, ele não retrucou.

Sentou-se e parecia triste ou chateado. Imaginei os motivos, mas antes que ele dissesse alguma coisa, beijei seus lábios.

— Obrigada por me fazer andar sobre as nuvens. Amei dançar com você! — tentei mostrar

alegria, mas meus olhos me traíram e ficaram úmidos.

— Desculpe por não ser o príncipe encantado que dura a noite toda. —
Ele abaixou os olhos

com tristeza.

— Andy! Você é e sempre será meu príncipe! Não entende?! Cada instante com você vale por

dias! Eu te amo, não fique assim!
Eu amei!

— Por mais que você diga o quanto amou, não consigo acreditar que não fui capaz de dançar

uma música inteira com você. —

senti vontade de chorar.

— Andrew, para mim valeu uma música inteira, foi lindo. — sequei as lágrimas dos olhos.

— Não consegui dançar a metade dela, Helen — discuti em volume baixo, com a voz

carregada de tristeza. — Eu só poderei te dar lembranças pela metade.

Seus olhos ficaram marejados e os meus também.

— Andrew, você mudou minha vida

por inteiro. Você me faz feliz e eu sou completa ao seu

lado. Basta um instante com você para que eu consiga tocar o eterno. Eu te amo e foi importante para mim do tamanho que foi.

Eu o escondi em meus braços e beijei seu rosto. Era visível que Andrew ficou triste. Seus

amigos, mesmo distante, perceberam e devem ter visto toda a cena. Richard abraçou Andrew e tentou

animá-lo, assim como Alan.

Fomos para o restaurante e durante todo o jantar eu via os olhos caídos dele, o que me

dilacerava até a alma. Não compreendia suas frustrações, apenas era complacente com sua dor. Como

eu queria poder convencê-lo o quanto significou para mim aqueles instantes. Existem momentos que

nossas palavras parecem não surtir efeito.

Voltamos para o hotel e por mais que meus amigos tentassem nos alegrar, eu via o quanto

Andrew se esforçava para sorrir. Lamentei por tudo e até mesmo me arrependi de ter dançado com o

senhor ou ter dito para Andrew que eu queria dançar com ele no jogo da verdade.

Nós nos despedimos no saguão do hotel. Iríamos trocar de roupas e nos veríamos na hora de

dormir. Subi cabisbaixa e

pensativa. contei a Rebecca o que tinha acontecido, ela tentou amenizar a

situação, todavia eu estava realmente triste por Andrew ter se sentido tão limitado.

A campainha do quarto tocou, eram os rapazes. Estavam com sorvetes e algumas barras de

chocolate, propuseram de assistirmos um filme antes de dormir. Concordamos com animação. Eles

entraram e Andrew ficou na porta.

— Muda essa carinha, Andy? — Eu me aproximei dele. Um sorriso sem alegria desenhou sua boca.

— Coloca a sandália, quero te mostrar uma coisa.

Não questionei ao ver que uma esperança sincera brotou em seu semblante. Corri para perto da cama e calcei minhas sandálias de dedo. Disse que logo voltaríamos.

— Onde vamos?! Estou de moletom!

— Não se preocupe, é aqui no hotel mesmo.

Fomos até o elevador e entramos.
Ele apertou o último andar.

— Podemos ir lá, Andy?!

— Creio que não. Porém, não vamos demorar.

— Mas se brigarem com a gente?!

— Tem medo?

Eu neguei com a cabeça e dei um pulinho dentro do elevador, animada. Paramos no último

andar. Saímos pela porta e vi que era um lugar aberto. Era o terraço do hotel. Com algumas tábuas e

um montante de entulho no canto do muro. Contudo estava limpo e vazio. Ao olhar adiante percebi

que o clarão do luar iluminava todo o local. Olhei para o alto e vi a lua como uma pérola branca no

céu.

— Que linda! — sussurrei.

— Te faz lembrar alguma coisa?

— Nosso primeiro beijo. — voltei a fitá-lo.

Andrew puxou minha nuca e nos beijamos. Fui levada à noite do nosso primeiro beijo. Ao dia

que minhas razões foram entregues ao que sentíamos. Eu nunca me esqueceria.

— Eu te amo. — Eu disse.

Seu rosto estava iluminado de uma

forma única pela lua.

Andrew tirou o celular do bolso e selecionou uma das nossas músicas. Com dificuldade se

levantou da cadeira. Prendi a respiração, torcendo para que fosse uma tarefa mais fácil ele se

posicionar de pé. Ele deitou o celular na cadeira de rodas e segurou minha mão, me puxando para

perto dele.

— Dança comigo? — Ele pediu de

um jeito tão comovente que meus
olhos ficaram cheios de

lágrimas.

— Toda vez que me chamar.

— Farei com que seja inteira. —
Ele sussurrou.

— Sempre será. Porque não é a
duração da música, e sim do
instante — falei, embriagada por
ele.

Meu corpo ficou moldado ao dele.
Eu iria evaporar se ele continuasse

sussurrando no meu

ouvido. Eu via nossas sombras no chão, desenhando nosso destino, eu seria dele para sempre. Naquele

momento me lembrei do famoso trecho do livro de Lewis Carroll.

— Sabe quanto tempo dura o eterno? — Andrew mostrou seu sorriso perfeito.

Seu rosto colou ao meu, me arrepiando por inteiro, mal consegui respirar.

— Às vezes apenas um segundo. —

Ele respondeu com sua linda voz.

Abri meu sorriso completo e deitei em seu ombro. Aqueles segundos que eu dançava nos

braços do meu príncipe seriam eternos e para sempre iriam refletir o nosso destino, que o eterno era o

sobrenome do nosso amor. Andrew me completava e transformava cada instante numa porção do

infinito.

A AUTORA

Apaixonada pelas artes, Adriana Brazil formou-se em música na tradicional Escola Villa-

Lobos do Rio de Janeiro. Cresceu ouvindo as histórias carregadas de fantasia que seu pai contava,

tornou-se então amante dos livros logo no início da adolescência, mantendo a literatura brasileira em

primazia. Sua paixão pela escrita veio à tona em dezembro de 2009, quando nasceu seu romance

Outono de Sonhos, indicado ao

prêmio Codex de Ouro 2011 nas categorias Romance e Designer de

Capa, como também ao Prêmio Interarte 2012 na categoria Melhores Romances, organizado pela

Academia de Letras e Artes de Goiás Velho. A estudante de Letras é também colunista da Revista

Cristã. Atualmente a autora participa dos eventos com o grupo Turnê Literária. Mora no Rio de

Janeiro com o esposo, o filho e a

cachorrinha Kiara.

Dança comigo? é um conto baseado no livro *Outono de Sonhos*, o primeiro volume da série *Foi*

assim que te amei, seguido por *Inverno de Cinzas*, *Primavera de Cores* e *Verão de Conquistas*.

Para saber mais sobre a autora e seu trabalho, visite sua página:

<http://www.adrianabrazil.com>

Para ficar por dentro de todas as novidades da série *Foi assim que*

te amei, curta a fan page no

Facebook:

<http://www.facebook.com/outonode>

Se quiser adquirir os livros da autora, eles estão disponíveis nas melhores livrarias do país e

nas livrarias virtuais, como Saraiva, FNAC, Americanas, entre outras.